

MÁRCIA APARECIDA DE SOUZA COELHO

ESCRITA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO REPORTAGEM

FRANCISCO BELTRÃO

DEZEMBRO/2008

MÁRCIA APARECIDA DE SOUZA COELHO

ESCRITA NA ESCOLA : UMA EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO REPORTAGEM

Artigo científico produzido como um dos requisitos do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional 2007/2008, ofertado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, em parceria com a Secretaria de Tecnologia e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof^a Mestra Rosana Becker
(UNIOESTE – Cascavel/PR)

FRANCISCO BELTRÃO

DEZEMBRO/2008

RESUMO

A produção deste artigo é parte das atividades realizadas para o PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) e um dos quesitos solicitados para fins de aprovação no Programa. Apontar os aspectos relevantes do processo de implementação e o trabalho com os gêneros jornalísticos, como também o percurso percorrido desde a introdução dos gêneros aos alunos do primeiro ano do Ensino Médio, até a produção das próprias reportagens, são pressupostos desse trabalho. Esta implementação surgiu da necessidade de propor um trabalho mais interlocutivo em sala de aula pois, apesar de ser premissa das Diretrizes Curriculares, não tem se efetivado no cotidiano das aulas de Língua Portuguesa. Durante o relato, pretende-se esclarecer, mesmo que com resultados incipientes, como promover em sala de aula o ensino dos gêneros textuais, em particular a reportagem, objeto de estudo deste trabalho. Além disso, a necessidade primordial de permitir aos alunos ajustarem seus discursos às características de produção e circulação previstos, aspecto que precisa estar presente no ensino de língua materna. Com isso, o aluno torna-se sujeito do processo e não mero repetidor de conceitos e idéias.

PALAVRAS-CHAVE : Gêneros textuais. Ensino. Produção escrita. Reportagem.

INTRODUÇÃO

Fala-se muito sobre gêneros textuais (ou do discurso) no ensino de Língua Portuguesa e, de maneira mais tímida, sobre o ensino dos gêneros jornalísticos. No entanto, ainda são poucas as experiências ou aplicações que apontem para uma prática efetiva e com situações reais de aprendizagem que proporcionem melhora na interpretação e na leitura dos alunos que chegam ao Ensino Médio.

Percebe-se que o desempenho discursivo desses alunos, mesmo após terem passado por, no mínimo, oito anos de Educação Básica, apresentam dificuldades de escrita e interpretação. O estudante, sujeito-autor, ignora quem é seu interlocutor, utiliza poucos recursos argumentativos e, sabendo de antemão que será avaliado pelo professor, apresenta idéias prontas, repletas de lugares comuns. Além disso, desconhecem os gêneros que circulam socialmente, o que faz com que a escrita, que deve ser um processo dialógico, seja apenas pretexto para a realização de atividades gramaticais.

Para efetivar o trabalho com gêneros textuais faz-se necessário partir da premissa de que dentre os vários fatores que interferem no baixo desempenho na escrita dos alunos é, como afirmamos, que estes ignoram o interlocutor e, principalmente, desconhecem os gêneros que circulam socialmente. Sobre isso, Bakhtin (2003, p. 262) afirma: “Cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros do discurso”.

Marcuschi (2005) ratifica Bakhtin ao afirmar que os gêneros são realizações linguísticas concretas que se constituem nas situações comunicativas. Assim, confirma-se o que Geraldi (1997) vem afirmando desde a década de 80, quando da publicação da obra *O texto na sala de aula*, ao salientar a necessidade do texto como o material sobre o qual as atividades de sala de aula devem se sustentar.

Na busca de promover a melhora na produção escrita dos alunos de primeiras séries do Ensino Médio pode-se partir do estudo de vários gêneros. Contudo, é nos jornalísticos que temos riqueza de detalhes que podem ser explorados e que vão dos aspectos lingüísticos até àqueles relacionados à estrutura, como também o contexto de produção. Segundo as Diretrizes Curriculares Estaduais,

Ensinar a língua materna, a partir dessa concepção, requer que se considerem os aspectos sociais e históricos em que o sujeito está inserido, bem como o contexto e produção do enunciado, uma vez que os seus significados são sociais e historicamente construídos (PARANÁ, 2008, p. 16).

Nas aulas de Língua Portuguesa faz-se necessário realizar atividades que criem condições para que os alunos não apenas leiam notícias, entrevistas, reportagens e outros gêneros, mas passem a compreender os elementos que os compõem, o contexto de produção e circulação para, posteriormente, produzirem seus próprios textos.

A discussão e os estudos acerca dos gêneros textuais remete-nos à questão de como efetiva-los em sala de aula na perspectiva de ensino-aprendizagem. Para tal intuito, a reportagem é, dentre os gêneros jornalísticos, o que possui um estilo mais livre e, por isso, segundo Kindermann (2005) rompe com a rigidez da técnica jornalística e pode ser pessoal o que, para o trabalho com o aluno, retorna em ótimos resultados. Ao trabalharmos determinado gênero, seja ele da ordem do narrar, relatar, argumentar, expor ou descrever faz-se então necessário, prever a intenção, pois a aprendizagem intencional, segundo Schneuwly e Dolz (2004) frequentemente se realiza em meio institucional, ou seja, na escola. De acordo com os autores, é graças ao ensino que os alunos se conscientizam dos objetivos relativos à produção e à compreensão, sendo, nesse caso, a cooperação social, fator determinante das transformações e dos progressos que ocorrem.

DESENVOLVIMENTO

1 - Gêneros textuais como objetos de ensino e de aprendizagem

Para Bakhtin (2003, p.262) “Cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Sobre o mesmo conceito, Marcuschi (2005) complementa ao afirmar que há um número ilimitado de gêneros e, devido a isso, é praticamente impossível nomear todos.

Nesse caso, sempre que trabalharmos com determinado gênero é necessário fazer com que o aluno perceba que ele emerge do social a partir dos diversos graus de utilização e possui determinados aspectos formais. Para Marcuschi (2005, p.29), “Quando dominamos um gênero textual não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar lingüisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”.

Segundo Bakhtin (2004, p. 112):

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A *palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da

pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio, nem no sentido figurado.

A contribuição dos gêneros textuais para o ensino da linguagem advém da importância de se vivenciar na escola atividades sociais das quais a linguagem é parte essencial. Temos aí a perspectiva de que eles não se caracterizam, portanto, como formas estruturais estáticas e definidas de uma vez por todas. Para Geraldi (1997, p.105), “Se quisermos traçar uma especificidade para o ensino de Língua Portuguesa, é no trabalho com textos que a encontraremos”. Para dar condições à produção de texto o autor esclarece sobre a importância da devolução da palavra ao aluno, pois é isso que faz com que ele conduza e assumo o processo de aprendizagem sem tirar a função do professor.

Sobre isso Geraldi afirma que:

Centrar o ensino na produção de textos é tornar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala quer dos modos (estratégias) pelos quais se fala. (Geraldi , 1997 , p.165)

Para corroborar com o trabalho na perspectiva dos gêneros textuais temos em Schneuwly e Dolz, (2005, p.80-81), a seguinte abordagem:

- a) Toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem, que são sempre de dois tipos : trata-se de aprender a dominar o gênero (...) para melhor produzi-lo na escola ou fora dela, e, em segundo lugar, de desenvolver capacidades que ultrapassem o gênero e que são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes.
- b) Pelo fato de que o gênero funciona como num outro lugar social, diferente daquele em que foi originado, ele sofre, forçosamente, uma transformação. Ele não tem mais o mesmo sentido, ele é, principalmente, sempre (...) gênero a aprender, embora permaneça gênero para comunicar.

Os autores citados esclarecem, portanto, que quando o professor decide levar para a sala de aula determinado gênero textual, este passa a ser particularizado numa situação escolar: “Há um desdobramento que se opera em que o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino – aprendizagem.” (Schneuwly e Dolz, 2002, p.75-76). Em relação ao ensino dos gêneros na escola, apresentam os gêneros como unidades e os organizam em seqüências didáticas que, por conseguinte, promovem a progressão curricular. Contudo, o ensino da língua nessa perspectiva exige um estudo à parte, o qual vem sendo realizado por inúmeros autores. Cabe aqui, discutir a

viabilidade do ensino de língua a partir dos gêneros jornalísticos, mais especificamente ao ensino de produção escrita a partir do gênero reportagem e considerar o que se afirma nas Diretrizes Curriculares Estaduais:

Para haver reflexão com e sobre a língua é necessário considerar, como ponto de partida, a dimensão dialógica da linguagem, presente em atividades que possibilitem, aos alunos e professores, experiências reais de uso da língua materna. Os conceitos de texto e de leitura não se restringem, aqui, à linguagem escrita: abrangem, além dos textos escritos e falados, a integração da linguagem verbal com outras linguagens (multiletramento) (PARANÁ, 2008, p. 17).

2 - Os gêneros jornalísticos no ensino da produção escrita

Quando o professor de Língua Portuguesa busca o ensino de produção escrita com base nos gêneros jornalísticos faz-se necessário um realinhamento conceitual da representação do aluno sobre o que é a escrita, para que se escreve, com que objetivo, de que modo e sobre o que se escreve.

Sobre a reportagem Beatriz Gaydeczka (2007), esta reforça a importância do trabalho com esse gênero pelo fato dele ser multimodal, isto é, permite ao professor utilizar várias habilidades de leituras como as de gráficos, infográficos, fotografias e outros.

Sobre o gênero, há muitos estudos e muitas definições. Adotam-se aqui os conceitos de Kindermann (2003), quando esta afirma que a reportagem provém de pauta planejada (o que é perfeitamente possível realizar com os alunos), envolve pesquisas e possui um estilo mais livre que foge da rigidez de outros gêneros jornalísticos. Para introduzir este gênero em sala de aula precisamos elaborar um paralelo entre notícia e reportagem, uma vez que apresentam diversos pontos em comum, o que se explica por pertencerem à mesma esfera (jornalística). Assim, o aluno irá interagir com mais propriedade em situações de uso destes gêneros.

Para produzir atividades, sejam orais, escritas ou de interpretação, faz-se necessário traçar alguns objetivos e, a partir deles, definir encaminhamentos para o trabalho em sala de aula. Sobre tais aspectos, temos em Schneuwly e Dolz (2005, p. 75) as seguintes observações:

A aprendizagem da linguagem se dá, precisamente, no espaço situado entre as práticas e as atividades de linguagem. Nesse lugar, produzem-se as transformações sucessivas da atividade do aprendiz, que conduzem à construção das práticas da linguagem. Os gêneros textuais, por seu caráter genérico, são um termo de referência intermediário para a aprendizagem. Do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode, assim, ser considerado um megainstrumento que fornece um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes.

Além dos aspectos já citados, para definir um gênero como suporte de uma atividade de linguagem, os autores acima estabelecem três dimensões, as quais definem como essenciais:

- 1) os conteúdos e os conhecimentos que se tornam dizíveis por meio dele;
- 2) os elementos das estruturas comunicativas e semióticas partilhadas pelos textos reconhecidos como pertencentes ao gênero;
- 3) as configurações específicas de unidades e linguagens, traços, principalmente, da posição enunciativa do enunciador e dos conjuntos particulares de seqüências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura. O gênero, assim definido, atravessa a heterogeneidade das práticas de linguagem e faz emergir toda uma série de regularidades no uso. São as dimensões partilhadas pelos textos pertencentes ao gênero que lhe conferem uma estabilidade de fato, o que exclui evoluções, por vezes, importantes.
(Idem, p. 75)

Para efetivar o trabalho com a reportagem (ou outro gênero textual), os objetivos podem ser definidos de antemão a partir de uma investigação prévia. A aplicação deve seguir um plano, que pode ser em forma de Plano Docente, com atividades diversas envolvendo o gênero em questão, ou FOLHAS (elaborado pelo próprio professor). Dessa forma, é possível explorar as dificuldades mais iminentes em relação à escrita e trazer a reportagem para o âmbito da sala de aula.

Caso a opção seja pelo Plano Docente é possível propor aos alunos atividades como:

- a) Promoção de leituras do maior número possível de reportagens ,podendo-se optar por tema específico ou não;
- b) Criar debates sobre as leituras realizadas;
- c) Discutir aspectos relacionados à forma e ao conteúdo da reportagem;
- d) Realizar as leituras , sempre que possível , no suporte original;
- e) Sempre explorar todos os aspectos que compõem o gênero;
- f) Fazer com que os alunos identifiquem o gênero , a finalidade e o suporte;
- g) Produção de reportagem, de preferência em grupo.

Poderíamos discutir inúmeras possibilidades de trabalho com a reportagem. Contudo, deseja-se aqui expor apenas alguns aspectos de uma experiência e a importância dos gêneros jornalísticos em sala de aula e, no presente caso, da reportagem .

Kindermann (2003) aponta que a reportagem caracteriza-se no jornal por diversos subgêneros como: reportagem de aprofundamento de notícia , a partir de entrevista , pesquisa ou retrospectiva. Esses diferentes gêneros não precisam ser abordados didaticamente, porém o professor deve ter presente que existem e que os mesmos estão explícitos nas reportagens.

Em seu livro *O jornal na sala de aula*, Maria Alice Faria (1996), aponta várias sugestões para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, sugerindo a produção de textos a partir de gêneros jornalísticos. Nessa obra básica e fundamental para o professor de Língua Portuguesa podemos encontrar atividades práticas, características da notícia, entrevista, reportagem, entre outros gêneros e também como produzir uma reportagem que, de acordo com a autora necessita de uma preparação prévia, a partir da elaboração de uma pauta. Cabe ao professor ser o pauteiro definindo as atividades que serão realizadas em sala de aula, que deverá incluir não só o enfoque a ser dado à reportagem, como ainda as leituras e discussão preparatórias sobre o assunto. Além dessa etapa é preciso estabelecer como será desenvolvido o trabalho de campo, ou seja, entrevistas, enquetes, fotos, etc. Após definidas e realizadas as atividades é o momento da organização dos dados que resultarão na produção escrita da reportagem.

Sobre o jornal na sala de aula Maria Alice Faria (2006, p. 20) afirma que:

Um ponto é fundamental no trabalho com o jornal na sala de aula: o jornal deve ser abordado na sua complexidade. Ou seja: a leitura e prática do texto jornalístico devem ser tratados em seus três níveis: texto, imagem e diagramação.

Cabe ao professor, portanto, construir seu trabalho do modo mais adequado à série com que está trabalhando.

O jornalista Ricardo Kotscho (2005) questiona a famosa objetividade jornalística, a neutralidade. Para ele existem mil maneiras de produzir uma reportagem. Vai depender da cabeça e do coração de quem escreve.

Como trazer tal perspectiva para o âmbito escolar? As respostas ou receitas, como já dissemos, não existem, mas certamente é primordial no trabalho com qualquer gênero textual ajudar os alunos, leitores e produtores de textos, entenderem por que os fatos ocorrem e situá-los dentro do contexto.

3 - Reportagem e a textualidade: interação

Maria da Graça Costa Val (2006, p.36), em *Redação e textualidade*, comenta sobre a aplicação dos recursos lingüísticos:

A preocupação de julgar com objetividade as relações escolares tem resultado em esquemas de correção e atribuição de notas através dos quais se tiram pontos por respeito às regras do dialeto padrão ou por desobediência às convenções relativas ao uso da escrita, como a ortografia e a pontuação. Quer dizer: o julgamento acaba privilegiando os aspectos mais superficiais do texto escrito, que nada têm a ver com sua essência, isto é, sua textualidade, mas que são os únicos suscetíveis de mensuração objetiva.

A autora complementa os aspectos acima citados ao afirmar também que:

Relacionando os conceitos de texto e textualidade, poder-se-ia dizer, em princípio, que a unidade textual se constrói, no aspecto sociocomunicativo, através dos fatores pragmáticos (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade); no aspecto semântico, através da coerência; e no aspecto formal, através da coesão. (Idem, 2006, p.16)

Na produção de reportagem, os critérios do professor para a análise devem ser gramaticais e lingüísticos em uma constituição interdependente. Dessa forma, o texto não será apenas informação, insere-se nele as marcas pessoais do produtor (o aluno), do contexto em que se está inserido, da formação discursiva a que pertence, da sua finalidade, etc. Com isso o texto estará inserido o mais próximo possível do processo real de interlocução.

No artigo sobre a multimodalidade na reportagem impressa, Beatriz Gaydeczka (2007) salienta o título, olho, subtítulo, lead e box como elementos caracterizadores da reportagem no que refere-se à forma e a constante presença das aspas, do itálico dos verbos de “dizer”, fotos e infográficos. Nas considerações finais esta autora afirma que:

O tratamento com o texto na sala de aula exige que todos os domínios envolvidos na constituição do gênero discursivo – domínios sociais de produção, de circulação e recepção, domínios semânticos, semióticos e pragmáticos – sejam estudados a fim de que as atividades de leitura proporcionem condições para que os alunos compreendam, especificamente no caso da reportagem, que: o emprego de imagens, fotos, tipografia e infografia não são meramente ilustrativos, mas elementos que possuem carga informativa muito mais ampla que o texto verbal somente, pois, em sua função multimodal, a articulação integrada de formas, cores e texto são suficientes para fazer o leitor compreender fenômenos de forma crítica.

(Estudos lingüísticos XXXVI (3), setembro, 2007 .p. 114 / 115)

4) Produzindo a reportagem

Estudadas as partes que compõem a notícia e a reportagem é preciso que os alunos percebam o texto como uma unidade de sentido, na qual os elementos significam uns em relação aos outros e em relação ao todo e especificar o gênero que desejamos ensinar.

Nesse momento, devemos inserir nos trabalhos com as reportagens atividades de reflexão das marcas lingüísticas como: modalizadores, aspectos verbais, coesão nominal (seqüencial e referencial), seleção lexical, etc.

Essa percepção só é possível dentro do próprio texto ao trabalharmos a produção escrita da reportagem. Além de conhecer as partes do gênero o aluno precisa compreender que: a) a reportagem é o gênero mais complexo e mais elaborado do jornalismo; b) predominam os tipos de discursos do narrar; c) os assuntos são inesgotáveis. Tais aspectos

ratificam o que diz o jornalista Ricardo Kotscho (1986) a respeito da função do repórter, ou seja, este precisa contar como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo.

Assim, quando desenvolvemos o trabalho com gêneros jornalísticos e , em particular, com a reportagem, ao chegar o momento da produção escrita os alunos já deverão ter escolhido temas de relevância para o público ao qual ela se destina. Faz-se necessário também que sejam realizadas inúmeras leituras das mais variadas fontes a fim de que fique explícito na reportagem o público alvo e o suporte no qual será veiculada a reportagem.

Antes de iniciarmos o trabalho com este gênero, é importante que os alunos percebam as principais diferenças entre a notícia e a reportagem, pois já está comprovado por vários estudiosos que a reportagem é uma notícia ampliada e um gênero multimodal. Nesse caso, sugere-se que as semelhanças e as diferenças entre ambos os gêneros sejam descobertas e elaboradas pelos próprios alunos.

É importante que após a elaboração do quadro com semelhanças e diferenças seja esclarecido ao aluno que não existem regras fechadas quanto à elaboração de uma notícia ou reportagem, mas sim, alguns parâmetros norteadores. Ao professor importa desenvolver a competência discursiva escrita dos alunos através de suportes legítimos. No caso das reportagens produzidas pelos alunos do Colégio Estadual Mário de Andrade durante a implementação 2007, optou-se pela publicação em mural e site da escola.

Em relação aos aspectos anteriormente citados salientamos que o importante é a criação de um espaço dentro da escola, de situações de produção escrita reais.

Considerações finais

Quando o professor pretende aplicar seus estudos e leituras à prática da sala de aula, alguns elementos pertinentes ao ensino de língua precisam estar presentes. São eles: a) metodologia; b) Diretrizes curriculares; c) conteúdos estruturantes; d) conteúdos específicos; e) avaliação.

Numa proposta de implementação que busca aprimorar a escrita dos alunos superando dificuldades, faz-se necessário definir um dos gêneros e, a partir daí, partir para a efetivação. Na prática efetiva, não há dúvida de que o trabalho deverá ser permeado por uma perspectiva dialógica, interacionista, uma vez que, conforme afirma Costa Val (2006), a interação de verdade acontece num processo intersubjetivo, ou seja, são diferentes pessoas que produzem e interpretam os textos, cada um individualmente.

Para se chegar à produção de reportagem, objeto de estudo e aplicação da implementação, nesse caso, objeto de ensino, fica nítida a relação entre leitura e escrita e, sobre essa relação, Geraldi (1997, p.135) diz que:

Sobretudo é porque no texto que a língua – objeto de estudos – se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões.

A escola é o espaço privilegiado para efetivarmos a prática de leitura, escrita e produção de textos. Contudo é mister que tenhamos presentes que no trabalho com língua, a interação faz-se por meio dos gêneros textuais e, como tal, conforme Elisa Guimarães (2005) constituem um todo em que cada elemento possuem valores independentes nas suas relações com o conjunto. Por conseguinte, possuem mecanismos de construção e articulação.

Partindo do princípio que uma das razões para a realização da investigação e aplicação aqui relatadas são as dificuldades de escrita dos alunos e, longe de querer analisar aspectos sociais como o analfabetismo funcional, pode-se afirmar que um dos fatores que levam à dificuldade de escrita dos alunos é a falta de conhecimento dos gêneros. Os alunos até sabem que existem muitos gêneros, porém na hora de nomeá-los não encontram o “nome para ele.” Conclui-se, com esta implementação, que os alunos devem dominar o gênero, reconhecer seus espaços de circulação, público ao qual se dirige e suporte, para, assim, poderem melhorar suas escritas.

Nesses aspectos, evidenciamos, portanto, a necessidade do maior uso possível do gênero em situação real de uso (mesmo que no espaço escolar passa a ser gênero escolar), suportes reais – muitas vezes o aluno nunca manuseou um jornal na íntegra ou folheou uma revista por completo. Além disso, é preciso permitir aos alunos a leitura, produção e interpretação de gêneros complexos. Não há mais espaço para subestimar a capacidade dos educandos dando-lhes apenas textos muito curtos ou muito simples por pensarmos que eles não irão compreender. Ao trabalhar com o gênero reportagem percebe-se muito claramente que, mesmo que alguns aspectos tanto formais quanto lingüísticos não sejam totalmente compreendidos, quanto mais acesso dermos a eles, mais a aprendizagem melhorará.

Até chegarem à produção de uma reportagem, muitos caminhos precisam ser trilhados, talvez daí a resistência desse gênero não ser mais explorado em sala de aula. Sem querer esgotar possibilidades, citamos alguns aspectos que podem ser aproveitados em prol de um bom trabalho em sala de aula com os gêneros jornalísticos e, em particular, com a reportagem:

- Realizar atividades de manuseio e leitura de todos os gêneros jornalísticos sempre enfatizando aquele que nos interessa ensinar ao aluno;

- A cada gênero, encontrar as seqüências textuais presentes (essa atividade chama muito a atenção do aluno), pois através desse encaminhamento o aluno passa a entender melhor aquilo que leu;

- Fazer com que os alunos percebam que o jornal é um suporte que possui inúmeros gêneros, cada qual com diferentes funções e intenções, diferentes públicos e que estes não são apenas estruturas estáticas, mas atendem a uma necessidade de comunicação;

- Após ter realizado leituras e atividades com alguns gêneros (sugere-se notícia e entrevista pelas possibilidades discursivas que possuem) pode-se começar a estimular com mais ênfase a leitura das reportagens;

- A cada reportagem lida, promover releituras e discussões sobre os aspectos que mais chamaram a atenção do aluno (pois nem sempre aquilo que consideramos mais importante ou contundente é o mesmo para o aluno);

- Compreender que é impossível interpretar, avaliando apenas fragmentos ou, esperar que o aluno amplie seu conhecimento em relação aos elementos internos do texto sem que este seja visto primeiro na perspectiva macroestrutural;

- Elaborar junto com os alunos os elementos que compõem a reportagem e, a partir disso, prosseguir para a elaboração de reportagens dos próprios alunos. Nesse ponto dos trabalhos eles já terão um bom conhecimento sobre o gênero e poderão decidir sozinhos sobre o que desejam escrever (não há necessidade do professor direcionar o assunto, pois os alunos já terão percebido que não há limites de temas para a produção de reportagens);

- Trabalhar todo o processo de produção em sala de aula; só assim obteremos resultados positivos. O tempo necessário quem vai determinar são os alunos, de acordo com as necessidades apresentadas (pode-se questionar: e os demais conteúdos? Sem problema. Reserva-se uma ou duas aulas por semana para a produção da reportagem);

- É muito importante que seja propiciado aos alunos situações concretas de uso da textualidade, considerando a utilização dos instrumentos para isso, ou seja, os gêneros textuais;

- Os alunos devem ajustar seu discurso às características do contexto de produção e circulação previstos. Isso gera a preocupação de utilizar procedimentos de escrita articulando-os, de modo a tornar o texto mais eficaz e faz com que todos empreguem adequadamente os recursos como os tempos verbais, aspas, coesão nominal, coerência, uso lexical, entre outros;

- Faz-se necessário também que seja considerada a progressão desse conteúdo em outros gêneros, em outras esferas de circulação;

- O momento de socialização pode ser decidido com o grupo, considerando o suporte mais viável. Na produção de reportagem dos alunos do Colégio Estadual Mário de Andrade optou-se pelo Jornal Mural e pelo site do colégio, sendo que neste, apenas um grupo permitiu a publicação; (<http://www.fnbmarioandrade.seed.pr.gov.br/modules/noticias/>)

- A auto – avaliação é outro elemento importante ao trabalharmos os gêneros jornalísticos e deve ser feita durante todo o processo de produção;

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Como usar o jornal na sala de aula**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- GAYDESCZKA, Beatriz. **A multimodalidade na reportagem impressa**. In: Estudos Lingüísticos XXXVI(3), setembro-dezembro, 2007. p. 108/115.
- GERALDI, João Wanderlei (org.). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1980.
- _____. **Portos de passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. Série Princípios. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2005.
- KINDERMANN, Conceição Aparecida. **O jornal na sala de aula : a produção textual a partir do gênero reportagem**. In: Cristóvão, Vera Lúcia Lopes e Nascimento, Elvira Lopes (orgs.) **Gêneros textuais : Teoria e Prática**. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais : definição e funcionalidade**. IN: DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná**. Curitiba: SEED, 2008.
- SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.